



invent FAIRY TALES

Conta, Cria e Joga

Os textos aqui apresentados baseiam-se nas versões tradicionais de cinco fábulas clássicas. Os pais e educadores podem lê-los ou utilizá-los como ponto de partida para os contar livremente, de forma mais simples, tendo em conta a idade das crianças.

Capuchinho Vermelho, Hansel e Gretel, Gato das Botas e Os Músicos de Bremen são apresentados, com adaptações e reduções didáticas, na versão dos Irmãos Grimm. Também a Cinderela, como tantas outras fábulas, foi escrita pelos Grimm. Contudo, preferimos que o texto proposto adotasse a versão de Charles Perrault por ser mais imediata e menos articulada e porque a personagem da fada se adapta melhor à estrutura das cartas do jogo.

Capuchinho Vermelho

Era uma vez uma menina de quem todos gostavam por ser simpática e graciosa. Um dia a sua mãe disse-lhe: «Anda cá, Capuchinho Vermelho, está aqui uma fatia de bolo. Leva-a à avó, que está fraca e doente, e verás que ela ficará melhor. E lembra-te de ires sempre pelo carreiro, sem te afastares.»

«Sim, mamã, farei como disseste», prometeu a Capuchinho Vermelho. Mas a avó morava na floresta, a meia hora da aldeia. E assim que a Capuchinho Vermelho entrou na floresta, encontrou o lobo.

«Bom dia, Capuchinho Vermelho!» «Olá, lobo!» «Onde vais assim tão cedo?» «A casa da avó.» «O que levas nessa cesta?» «Uma fatia de bolo para ela, que está fraca e doente.» «Capuchinho Vermelho, onde mora a tua avó?» «A um quarto de hora daqui, na floresta, debaixo dos três grandes carvalhos. É lá que está a casa dela, imagino que saibas onde é», disse a Capuchinho.

O lobo pensou de si para si: «Esta menina é mesmo um petiscozinho, é melhor que não a deixes escapar...» Fez uma parte do caminho com a Capuchinho Vermelho e depois disse: «Já viste quantas lindas flores há na floresta, Capuchinho Vermelho? Porque não olhas à tua volta?» A Capuchinho Vermelho levantou os seus olhos e, quando viu os raios de sol passar entre as árvores e em redor muitas flores bonitas espalhadas por todos os lugares, pensou: «se eu levar um ramo à minha avó, ela ficará feliz.» Assim, correu para a floresta para apanhar as flores. O lobo, por sua vez, correu a grande velocidade para a casa da avó e bateu à porta. «Quem é?» «Sou eu, a Capuchinho Vermelho, trago-te uma fatia de bolo. Abre.» «Entra», disse a avó, «estou muito fraca e não consigo levantar-me.» O lobo abriu a porta, entrou, aproximou-se rapidamente da cama da avó e engoliu-a de uma só vez. Depois, vestiu as roupas da avó, colocou a touca e deitou-se na cama.

Passado pouco tempo, também a Capuchinho Vermelho chegou a casa da avó e viu a porta escancarada. Quando entrou no quarto, teve uma estranha impressão. Aproximou-se da cama e viu a avó debaixo dos lençóis com a touca sobre o rosto.

«Ó vó, que orelhas tão grandes tu tens!» «É para te ouvir melhor, minha querida!» «Ó vó, que olhos tão grandes tu tens!» «É para te ver melhor!» «Ó vó, que mãos tão grandes tu tens!» «São para te agarrar melhor!» «Mas, vó, que boca tão grande e assustadora tu tens!» «É para te comer melhor!» Num instante, o lobo pulou da cama, saltou sobre a pobre Capuchinho Vermelho e devorou-a num abrir e fechar de olhos.

Com a barriga cheia, o lobo voltou para a cama, adormeceu e começou a roncar ruidosamente.

O lenhador passava ali justamente naquele momento e pensou para consigo mesmo: «Mas como é que uma velhinha consegue ronnar assim? É melhor dar uma olhadela.» Entrou no quarto e diante da cama viu o lobo que procurava há algum tempo: «Seguramente terá comido a avó, talvez eu ainda possa salvá-la.» Pegou numa tesoura, abriu a barriga e, depois de dois cortes, viu brilhar o capuchinho vermelho. Deu mais dois cortes e a menina saltou a gritar: «Que medo! Como estava escuro na barriga do lobo!» E logo a seguir foi a avó que saiu ainda viva.

A Capuchinho Vermelho não perdeu tempo e foi buscar algumas pedras grandes com as quais encheu a barriga do lobo. Ao acordar, o lobo tentou fugir, mas as pedras eram tão pesadas, que caiu estatelado no chão.

Os três ficaram muito contentes: o lenhador, a avó e a Capuchinho Vermelho, que pensou: «não voltarás a andar sozinha na floresta, longe do caminho, se a tua mãe te disse para não fazeres isso.»



Hansel e Gretel

Diante de um grande bosque vivia um pobre lenhador viúvo que tinha dois filhos, Hansel e Gretel.

O lenhador era tão pobre, que não conseguia dar-lhes de comer. Uma noite, a sua nova mulher disse-lhe: «Se não queres que morramos de fome todos, dá às crianças um pedaço de pão e leve-as para a floresta. Depois, acende uma fogueira e deixa-as lá.» O lenhador primeiro recusou-se a abandonar os seus filhos, mas a mulher insistiu tanto, que ele acabou por se convencer. Na manhã seguinte, as crianças foram levadas com o seu pequeno pedaço de pão até ao bosque. O pai e a madrasta acenderam uma fogueira e abandonaram-nos, dizendo que tinham de ir cortar mais madeira e que à noite viriam buscá-los. Mas passou um dia inteiro e ninguém veio buscar as pobres crianças. Então Hansel consolou Gretel e disse: «Não tenhas medo, graças à luz da lua conseguirei ver as migalhas de pão que deitei no chão ontem durante a viagem e vamos encontrar o caminho de casa. Mas quando Hansel procurou as migalhas, não conseguiu encontrá-las: os pássaros da floresta tinham-nas comido.

Rapidamente as duas crianças se perderam no grande bosque, até que encontraram uma casa feita de casa de doces, com janelas de açúcar transparente.

«Vamos sentar-nos aqui e comemos até ficarmos cheios», disse Hansel. «Eu vou comer um pedaço do teto. Tu, Gretel, come um bocado da janela: é doce.»

Quando a Gretel começou a morder o açúcar, uma voz estridente gritou de dentro: «Quem está a comer a minha casinha?» Tal foi o susto que as duas crianças deixaram cair o que tinham nas mãos. Mas a velha balançou a cabeça e disse: «Ah, meus queridos, como é que chegaram aqui? Entrem, são bem-vindos.» E levou-os para dentro da casinha. A velha serviu-lhes um bom jantar, leite e panquecas, maçãs e nozes; depois, preparou-lhes duas belas camas brancas nas quais Hansel e Gretel adormeceram felizes. Mas a velha era uma bruxa malvada que esperava com impaciência pela chegada das crianças e, para as atrair, tinha construído a casa de doces. Quando uma criança caía nas suas mãos, matava-a, cozinhava-a e comia-a. Para ela, aquilo era um dia de festa. Estava mesmo muito feliz que Hansel e Gretel tivessem ido lá parar.

De manhãzinha bem cedo, antes que as crianças acordassem, a velha bruxa levantou-se, foi até às suas camas, agarrou Hansel e trancou-o numa gaiola. Nesse entretanto, a velha acordou a Gretel com uma sacudidela e gritou-lhe: «Levanta-te, o teu irmão está aí na gaiola e quero engordá-lo para depois o comer. Tens de o alimentar.» A Gretel assustou-se e começou a chorar, mas tinha de fazer o que a bruxa queria.

Depois de quatro semanas, a bruxa disse a Gretel assim que a noite se pôs: «Vai buscar água, rápido, que amanhã vou cozinhar o teu irmão.»

A Gretel estava na cozinha, chorava desesperadamente e pensava: «que nos tivessem devorado os animais ferozes da floresta. Pelo menos não teria de suportar esta dor. Meu Deus, ajuda-nos!»

A velha, que esta a fazer pão, gritou: «Gretel, vem aqui agora!» E quando Gretel se aproximou, disse-lhe: «Dá uma olhadela no forno para veres se o pão está bem cozido. Os meus olhos estão fracos e já não consigo ver tão longe. E se não conseguires, empurro-te para dentro. Assim vais poder ver melhor.» Aquilo que a pérfida bruxa queria era, depois de empurrar a criança para dentro do forno, fechá-la para a comer em seguida.



Mas uma ideia surgiu por milagre na cabeça da menina e disse: «Não sei bem como é que se faz, mostra-me primeiro: senta-te na pá que eu te empurrarei para dentro.» A velha sentou-se e, como era leve, a Gretel empurrou-a e fechou rapidamente a porta. A velha gritava e gemia no forno quente, mas a Gretel fugiu e correu na direção do Hansel, abriu-lhe a porta e gritou: «Sai, Hansel, estamos livres!» Os dois irmãos estavam assim sãos e salvos e choraram de alegria.

Cinderela

Era uma vez um homem rico que, depois de a sua primeira esposa morrer, casou-se com uma mulher muito orgulhosa e má. Esta mulher tinha duas filhas que se assemelhavam a ela em todos os aspetos. Por sua vez, o seu marido tinha uma filha tão bondosa e querida, que se assemelhava à sua maravilhosa mãe.

A madrasta, que tinha inveja da menina, ordenou que a filha do marido se ocupasse dos serviços mais modestos da casa. A pobre menina sofria pacientemente e, depois de terminar o seu trabalho, ficava ao lado da lareira, sentada nas cinzas e a escutar as irmãs chamarem-lhe Cinderela.

Um dia o rei deu uma grande festa para o príncipe, seu filho, que queria escolher uma noiva. Também as duas irmãs de Cinderela receberam o convite e, todas radiantes, pediram à menina que preparasse as suas roupas para o baile. A Cinderela teve de se esforçar muito para engomar os trajes das irmãs e penteá-las, enquanto elas só falavam das roupas que iam vestir. O grande dia finalmente havia chegado. As duas irmãs foram ao castelo do rei e a Cinderela, que tinha ficado em casa, desfez-se em lágrimas.

A madrinha, que a viu muito chorosa, perguntou-lhe o que tanto a afligia. «Eu gostava... Eu gostava tanto...» E desatava a chorar de tal forma, que não conseguia dizer uma palavra.

A madrinha, que na verdade era uma fada, disse-lhe: «Gostarias de ir à festa, não é verdade?» «Oh, sim!», suspirou a Cinderela. «Bem», disse a fada, «como és bondosa, vou arranjar forma de ires.» Levou-a para o quarto dela e disse-lhe: «Vai ao jardim e traz-me uma abóbora.» A Cinderela foi imediatamente escolher a mais linda que pudesse encontrar e levou-a à fada madrinha, sem entender para que coisa aquela abóbora poderia servir. A fada madrinha esvaziou a abóbora, deixando-a apenas com a casca. Depois, tocou nela repetidamente com a sua varinha mágica e a abóbora instantaneamente transformou-se numa carruagem dourada. Em seguida, a fada encontrou alguns ratos e lagartos e, com um golpe de varinha, transformou-os em seis belos cavalos, num cocheiro e seis lacaios. A fada disse à Cinderela: «Pronto, agora podes ir à festa: estás feliz?» «Sim», respondeu a menina, «mas como conseguirei ir se só tenho estas roupas velhas?» A fada então tocou-a com a sua varinha e, num piscar de olhos, aqueles trapos velhos transformaram-se num traje novo revestido de ouro e prata e coberto de diamantes. Deu-lhe também um par de sapatos de cristal, que eram, sem dúvida, os mais bonitos do mundo. Sem demoras, a Cinderela entrou na carruagem, não sem a fada lhe pedir primeiro para não voltar depois da meia-noite. Se ela ficasse no baile mesmo que fosse mais um minuto, a carruagem voltaria a ser uma abóbora, os cavalos ficariam novamente ratos, os lacaios transformar-se-iam em lagartos e o vestido ficaria mais esfarrapado do que nunca. A Cinderela prometeu à fada voltar antes da meia-noite e partiu para o castelo, feliz como nunca estivera na sua vida.

O príncipe, avisado da chegada de uma linda princesa desconhecida, correu ao seu encontro. Estendeu-lhe a mão para a ajudar a descer da carruagem e levou-a para o salão onde se encontravam todos os convidados. Fez-se um grande silêncio no salão e a música parou: todos ficaram sem palavras diante da beleza daquela jovem mulher, inclusive as suas meias-irmãs, que não a reconheceram.



O príncipe fez a Cinderela sentar-se no lugar de honra. Chegada a hora, tomou-a pela mão e convidou-a para dançar e ela dançou com tanta graciosidade, que suscitava mais e mais admiração. Mas quando a Cinderela ouviu os sinos darem as onze e quarenta e cinco, fez imediatamente uma grande reverência e saiu a correr o mais rápido que pôde. Ao fugir, um sapato de cristal saiu-lhe do pé, que o príncipe apanhou. O jovem príncipe, agora apaixonado por aquela rapariga, fez saber que se casaria com aquela que calçasse na perfeição o sapato. Foram as princesas que primeiro o experimentaram, depois as duquesas, em seguida toda a corte, mas não havia nenhuma rapariga que o conseguisse calçar. O sapato foi também levado às duas filhas da madrasta, que fizeram tudo o que era possível para o enfiarem no pé, mas também elas não foram bem-sucedidas.

A Cinderela, que as olhava, reconheceu o seu pequeno sapato e disse sorrindo: «Deixem-me também eu experimentar!» As irmãs deram uma gargalhada, ridicularizando os seus intentos.

O senhor que estava encarregado de experimentar o sapato olhou para a Cinderela e, achando-a muito bela, disse que tinha ordens de o colocar em todas as raparigas. Pediu à Cinderela que se sentasse, levou-lhe o sapato ao pé e viu que lhe servia na perfeição.

O espanto das duas irmãs foi enorme, mas ficaram ainda mais assustadas ao verem que a Cinderela pegou no outro sapato e calçou-o também. Nesse preciso momento chegou a fada: com um golpe da sua varinha, tornou as roupas da Cinderela ainda mais belas do que todas as outras.

Foi então que as duas irmãs reconheceram a deslumbrante princesa do baile. Lançaram-se a seus pés e pediram perdão por todas as maldades que lhe haviam feito sofrer.

A Cinderela pediu que se levantassem, abraçou-as, perdoou-as e pediu-lhes que desajassem sempre a sua felicidade. Foi depois ter com o príncipe, que a achou mais bela do que antes e, em poucos dias, casou com ela.

O Gato das Botas

Era uma vez um moleiro que tinha três filhos, um burro e um gato. Quando o moleiro morreu, os três filhos partilharam a herança: ao mais velho coube o moinho, ao segundo o burro e ao terceiro o gato, porque não havia mais nada. O mais jovem, então, resmungou tristemente para si mesmo: «fiquei com o pior, o meu irmão mais velho vai poder moer, o outro vai montar o burro e eu o que faço com o gato? Faço um belo par de luvas de pele?»

«Escuta», disse o gato, que tinha entendido tudo. «Não vale a pena matares-me. Basta fazeres-me um belo par de botas para que eu possa sair por aí e mostrá-los às pessoas e vais ver que não te arrependerás!» O filho do moleiro ficou maravilhado com aquele gato falante e, vendo um sapateiro que passava, pediu-lhe que lhe preparasse um par de botas. Assim que ficaram prontas, o gato enfiou-se nelas e saiu de casa, andando sobre as duas pernas como um homem.

Naquela época reinava um soberano que adorava comer perdizes, as quais, contudo, ninguém conseguia capturar. O gato matutou numa armadilha: abriu um saco de trigo no bosque e, quando as perdizes voaram para bicar os grãos, ele puxou o cordão e fechou os pássaros no saco. Depois, com o saco aos ombros, foi sem demoras ao castelo do rei.

O gato apresentou-se ao rei e disse: «O meu dono, o marquês de Marajá, saúda-o e envia-lhe estas perdizes recém-capturadas». O rei, felicíssimo com aquele presente, agradeceu ao gato, encheu o saco com numerosas moedas de ouro e disse: «Leva isto ao teu dono e agradece-lhe o seu saboroso presente.»

O filho do pobre moleiro, que, entretanto, estava em casa sozinho e triste, quando viu o gato voltar com aquele saco cheio de ouro não podia acreditar no que via com os seus olhos. «Agora tens uma bela quantia de dinheiro, mas não acaba aqui», disse o gato: «Amanhã vou deixar-te ainda mais rico».

No dia seguinte, o gato enfiou as botas e voltou a sair. Veio a saber que o rei estava a ir para o lago com a sua filha, a princesa, e imediatamente se pôs a correr para o seu dono, implorando-lhe que saísse de casa: «Se queres tornar-te num marquês rico, vem comigo ao lago e mergulha na água!» O jovem, que a princípio não entendia, obedeceu ao gato, despiu-se e saltou para a água. O gato, entretanto, escondeu as roupas atrás de um arbusto.

Naquele momento, passou uma carruagem com o rei e a princesa e o gato exclamou: «Majestade, roubaram as roupas do meu dono, o marquês, que está na água e não pode sair. Sem a roupa irá morrer de frio!» Ao ouvir estas palavras, o rei ordenou que os seus servos trouxessem trajes reais. O marquês vestiu-se e, como o rei se lembrava do presente das perdizes, convidou-o a entrar na carruagem.

Entretanto, o gato correu mais para a frente e chegou a um grande prado. Perguntou aos camponeses de quem era aquele prado e eles responderam: «Do ogre mágico.» «Escutem», disse o gato: «O rei está prestes a passar e se perguntar de quem é este prado, vocês respondem que é do Marquês, senão ele vai matar-vos a todos». Correu mais adiante, em direção a um campo de trigo, onde estavam mais de duzentos ceifeiros, a quem perguntou: «Ei, de quem é este campo de milho?» «Do ogre». «Escutem, a carruagem do rei está prestes a passar. Se ele perguntar de quem é este campo, respondam que é do Marquês, caso contrário, todos serão mortos.»



Por fim, o gato chegou a um magnífico bosque, no qual estavam mais de trezentos lenhadores, aos quais perguntou: «Ei, de quem é este bosque?» «Do ogre», responderam os lenhadores. «Escutem», disse o gato: «O rei está prestes a passar com a sua carruagem. Se vos perguntar de quem é este bosque, respondam que pertence ao Marquês, caso contrário, ele matar-vos-á.»

Todos ficaram de boca aberta e quando o gato finalmente chegou ao castelo do ogre, entrou e, ousadamente, perguntou-lhe: «Dizem que podes transformar-te em qualquer animal. Deixe-me ver se consegues transformar-te num elefante.» «Isso é canja», respondeu o ogre, que num piscar de olhos se transformou num elefante. «É num leão?», perguntou o gato novamente. «Já está!», respondeu o ogre. «É incrível!», exclamou o gato, que acrescentou: «Mas se quisesses transformar-te num rato, por exemplo, conseguirias?» «Claro que sim, também sei fazer isso», e o ogre, transformado em rato, começou a correr pela sala, mas naquele momento o gato saltou sobre ele e comeu-o de uma só vez.

Entretanto, o rei, que durante a viagem, ao perguntar aos camponeses, tinha ficado admirado com todos os bens do marquês, finalmente chegava ao castelo do ogre, onde encontrou o gato à espera. «Vossa Alteza, chegou ao castelo do meu senhor, o Marquês, que lhe agradece esta visita.»

O rei desceu juntamente com a sua filha, a princesa, e, maravilhado com aquele magnífico palácio e todos os bens do marquês, subiu as escadas até ao salão. Aqui, a princesa foi prometida ao marquês que, após a morte do pai dela, se tornou no novo rei e o Gato das Botas foi nomeado primeiro-ministro.

Os Músicos de Bremen

Um homem tinha um burro, que carregava sacos de grãos para o moinho sem nunca reclamar. Contudo, com a idade começou a perder forças e o dono pensou em o matar. O burro, tendo compreendido as intenções do dono, resolveu fugir. Tomou a estrada de Bremen, pensando que naquela cidade sempre poderia ser um verdadeiro músico. Durante o caminho, encontrou um cão de caça ofegante no meio da estrada.

«Ei, amigo, o que tens?», perguntou o burro. «Ah», respondeu o cão, «desde que fiquei velho, o meu dono começou a pensar em me abandonar, porque já não consigo ir à caça. Por isso, vim-me embora, mas agora como farei para sobreviver?» «Vem comigo», disse o burro: «Vou para Bremen para ser músico. Eu toco alaúde e tu trombeta.» O cão concordou e os dois novos amigos puseram-se a caminho, quando viram um gato parado na beira da estrada com um ar triste. O burro perguntou-lhe: «O que te aconteceu?» «Ora», respondeu o gato: «não há motivos para estar alegre quando querem fazer-te mal. Como começo a ficar velho e já tenho dificuldades em caçar ratos, a minha dona pensou em me afogar, por isso, fugi, mas agora não sei o que fazer...» «Porque não vens connosco para Bremen? Tu sabes cantar e podes entrar na nossa banda!», exclamou o burro. O gato concordou e pôs-se a caminho com os outros dois companheiros.

Os três chegaram ao pátio de uma casa, onde havia um galo que cantava alto e bom som. «Porque cantas assim tão alto, galo? O que te aconteceu?», perguntou o burro. «Hoje está bom tempo, mas amanhã a minha dona disse à cozinheira que quer comer-me no caldo e esta noite vão cortar-me o pescoço. É por isso que canto... canto enquanto posso!» «Escuta, crista vermelha, é melhor vires connosco para Bremen. Não tens falta de voz e se quiseres até podes tocar tambor», disse o burro. O galo gostou da proposta e os quatro retomaram a viagem.

À noite decidiram pernoitar num bosque: o burro e o cão acomodaram-se debaixo de uma árvore, o galo e o gato nos ramos. O galo voou para o topo, porque lhe pareceu que aquele era o lugar mais seguro. Dalí, viu ao longe uma luz e, onde havia uma luz, também devia haver uma casa. Assim, avisou os seus companheiros e os quatro decidiram ir na direção daquela luz.

Quando chegaram à frente da casa, o burro foi até a janela e olhou para dentro. «O que eu vejo? Vejo uma mesa posta cheia de coisas boas e ladrões que se divertem à sua volta. Ah, se estivéssemos nós no lugar deles!», disse o burro. Os quatro amigos discutiram e finalmente decidiram tentar afugentar os bandidos.

O burro teria de se apoiar na janela com as patas, o cão nas suas costas, o gato colocar-se em cima do cão e o galo empoleirar-se em cima da cabeça do gato. Ao sinal, todos começavam a música: o burro zurrava, o cão latia, o gato miava e o galo cantava. Resolveram então entrar na casa e os ladrões, muito assustados, levantaram-se e fugiram, pensando que tivesse entrado um fantasma.

Os amigos sentaram-se à mesa e, num piscar de olhos, estava tudo comido. Como estavam cansados da longa viagem, os quatro adormeceram e cada um escolheu a cama que mais lhe fosse confortável. O burro deitou-se na estrumeira, o cão atrás da porta, o gato embrulhou-se nas cinzas da fogueira e o galo pendurou-se na trave.



Os ladrões lamentaram-se de terem abandonado a casa. O chefe ordenou então que um deles fosse dar uma olhadela.

O explorador encontrou a casa imersa em silêncio e, assim que entrou, viu os olhos do gato. Como os confundiu com carvão em brasa, aproximou deles um fósforo. O gato não gostou e lançou-se sobre ele arranhando-lhe o rosto. O homem, assustado, tentou escapar pela porta dos fundos, mas no caminho encontrou o cão que saltou para ele e mordeu-o.

Ao atravessar o pátio onde estava o esterco, o burro deu-lhe um coice e o galo, surpreendido com tanto barulho, deu um grito estridente da trave.

O ladrão, aterrorizado, fugiu a sete pés e voltou para junto dos seus companheiros, a quem disse: «Ah, naquela casa está uma bruxa horrível com unhas afiadas que me arranhou a cara. À porta, um homem de faca em punho que me apunhalou a perna e no pátio um monstro enorme deu-me uma coça. Do telhado, por fim, o juiz gritou: Tragam-me cá esse malandro! Que mais poderia fazer senão voltar para aqui o mais rapidamente possível?» Nessa casa, desde então, os ladrões não entraram mais e os animais elegeram-na como o seu lar.